

HORIZONTES DA TRADUÇÃO: O PROJETO DE TRADUÇÃO NA ANALÍTICA BERMANIANA

Gleiton Lentz
Universidade Federal de Santa Catarina
dakria@gmail.com

RESUMO

Em *Pour une critique des traductions*: Jonh Donne, Antoine Berman apresenta um projeto analítico possível ao estudo de traduções, direcionado aos tradutores e aos críticos de tradução. Tal percurso de análise pode ser apreciado no capítulo "Esquisse d'une méthode", que levanta uma série de pressupostos acerca de um método de análise que busca precisar, e sistematizar, os procedimentos adotados durante o processo de uma tradução, com base na experiência e reflexão. Este artigo analisa as etapas do processo tradutório proposto e empreendido por Berman, a saber, a posição tradutiva, o projeto de tradução e o horizonte do tradutor.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da tradução. Projeto de tradução. Berman.

ABSTRACT

In *Pour une critique des traductions*: Jonh Donne, Antoine Berman presents a possible analytical project to the analysis of translations, targeted at translators and translation critics. Such analysis method is formulated in the chapter "Esquisse d'une méthode", where the author presents a series of presuppositions concerning an analytic method that aims to precise and to systematize the procedures adopted during the translation process, based on experience and reflection. This article analyzes the stages of the translation process proposed and assumed by Berman, namely, the translation stance, project and the translator's horizon.

KEYWORDS: Translation theory. Translation project. Berman.

A coerência de uma tradução é medida pelo seu grau de sistematicidade, pela maneira como organiza os diversos elementos que compõem o seu próprio sistema, o que lhe confere um saber *sui generis*. E, como portadora de um saber próprio, é suscetível de reflexão. E essa reflexividade, que vai desde a leitura interpretativa de um texto até a elaboração racional de todo um sistema de "escolha" de tradução, de um "projeto" de tradução, é atravessada, não obstante, por uma necessária intuitividade, que não impede o tradutor de pensar ou refletir acerca do texto traduzido. Reflexão e intuição, portanto, nesse sentido, se complementam e fortalecem a própria atividade da tradução¹.

Se por um lado, a prática da tradução, vista sobretudo na figura do tradutor, permaneceu por um longo período uma atividade "impensada", uma vez que não "falava por si mesma"ⁱⁱⁱ, por outro, nas últimas décadas, viu a necessidade de querer situar-se por si mesma, de refletir acerca de si mesma e de suas potencialidades. Essa reflexão, inevitavelmente uma forma de auto-afirmação, que vem a considerar também o caráter intuitivo da tradução, ganhou mais consistência, ao possibilitar o vislumbre de um novo horizonte, com os contínuos estudos em torno da tradução. Tais estudos, no entanto, têm se colocado como chamada de atenção sobre a real função da prática tradutóriaⁱⁱⁱ.

Nesse contexto, o que falar então sobre a idealização de um projeto de tradução que, no plano teórico e pragmático, consiste em resgatar, afirmar e defender o objetivo da tradução como tal? Antoine Berman, teórico da tradução e ele próprio tradutor, procurou apresentar, em *Pour une critique des traductions: John Donne*, não um modelo que regresse as traduções empreendidas pelos tradutores ou mesmo pelos críticos da tradução ao analisar traduções, mas um trajeto analítico possível para as traduções. Tal percurso de análise pode ser apreciado no capítulo "Esquisse d'une méthode", que levanta uma série de pressupostos acerca de um método de análise que busca precisar, e sistematizar, os procedimentos adotados durante o processo de uma tradução. Procedimentos que, na maioria das vezes, não são verbalizados pelos tradutores ao praticar o seu ofício. São eles: a posição tradutiva, o projeto de tradução e o horizonte do tradutor.

Embora tais métodos tenham sido elaborados apenas para a utilização da crítica da tradução, posto que o tradutor dificilmente os enuncia, estando consciente disso ou não, sua aplicação no momento de uma determinada tradução, sua utilização com base em um projeto real de tradução, e sua orientação em vista de um horizonte maior de tradução, são viáveis ao tradutor para que ele não só intua acerca de sua prática, mas reflita acerca das implicações do processo pelo qual ele passa. Dessa forma, se reflexão e intuição andam juntas e se complementam, teoria e prática também o podem, quando entendidas em suas particularidades e potencialidades, pois se se busca um "vencedor" neste "espaço de jogo", este será única e exclusivamente a tradução.

Berman, ao esboçar o seu método de análise, inicialmente divide seu trajeto analítico em etapas sucessivas: a primeira diz respeito às leituras concretas da tradução e do original, para o seu conseqüente confronto, à busca pela figura do tradutor e à definição de um percurso que se articula no *horizonte* do tradutor. A segunda, mais complexa, e que não será abordada neste artigo, diz respeito aos momentos fundamentais do ato crítico em si, onde são apresentadas as

formas possíveis de análise de uma tradução e que vão estruturar a crítica, segundo a analítica bermaniana.

Detendo-se na primeira etapa, segundo Berman, é necessário comprometer-se com um longo e paciente trabalho de leitura e releitura da tradução ou das traduções, para depois partir para a leitura do original, que visa, resumidamente, reparar os traços estilísticos que singularizam a escrita e a língua do original, próprias do autor traduzido. Para o teórico, toda a leitura empreendida pelo tradutor é uma pré-tradução, "une lecture effectuée dans l'horizon de la traduction"^{iv}, de modo que traduzir implica uma série de leituras, o que não significa dizer que o ato da tradução deva ser *escorado* por outras leituras de forma determinante, mas livre, pois, em suma, "on traduit avec des livres"^v, sem falar dos dicionários e das consultorias lingüísticas que o tradutor recorre durante seu trabalho. Cumpre notar que Berman atesta que o fato do ato da tradução ser *escorado* não subtrai em nada sua autonomia básica e que nenhuma "análise textual" (o destaque é dele!), e tampouco a que faria o tradutor capaz de efetuar uma, não constituem a base obrigatória de um trabalho de tradução, uma vez que tais "análises" devem procurar desenvolver o discurso sobre a tradução sem pretender reger a sua prática^{vi}.

Assim sendo, antes de partir para a análise propriamente dita, a fim de se compreender a lógica do texto traduzido, é preciso buscar informações acerca do tradutor, ir à sua procura.

Considerado por Berman o momento metodológico mais essencial frente a uma tradução, possui a finalidade de saber, não os estados de espírito do tradutor, mas sua relação com o seu "produto", ou seja, o texto traduzido. Questões a respeito de sua nacionalidade, de sua profissão, sua relação com as línguas que traduz e seus domínios lingüísticos, que tipos de obras traduz e suas inclinações literárias, se escreve acerca de sua prática tradutória, apontam para o desvelamento de quem é, em suma, essa figura por trás do texto traduzido. E, uma vez "encontrado" o agente principal de uma tradução, é preciso ir adiante e, a partir daí, determinar a sua posição, seu projeto e horizonte tradutivos.

É comum tradutores alegarem não fazer uso de quaisquer teorias durante a realização de seu trabalho. Tão comum é o retrato desse quadro, que é difícil ver um tradutor enunciar uma afiliação teórica. Suas opiniões, na verdade, sobre o ato de traduzir, são o que moldam a sua prática, podendo até mesmo adquirir um certo status de *teoria*, que não é nada mais que um conjunto de regras por ele internalizado, de modo incosciente ou não, impessoal ou não, aplicadas ao seu impulso de traduzir. Essas regras já estão incutidas previamente, e em distintos graus, em cada tradutor, que procura adequar-se às várias situações que uma

tradução lhe impõe, e é nesse ponto que sua *experiência* pode se converter em uma espécie de *teoria*.

No caso de uma teoria da tradução específica, como a de Berman, embora ela se valha também de procedimentos analíticos, que reduzem toda e qualquer análise de tradução a uma mesma perspectiva, do ponto de vista pragmático ela é viável, uma vez que para aplicá-la não é preciso ser teórico, pois o trajeto por ele esboçado se enraíza na experiência da tradução, isto é, na tradução como experiência. Em *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, Berman é elucidativo para a compreensão de seu sistema de análise de traduções:

Je dirai maintenant quelques mots concernant l'*horizon* du "discours" que j'entends tenir sur la traduction [...]. Il ne peut être question ici de *théorie*, d'aucune sorte. Mais plutôt de *réflexion* [...]. Je veux me situer entièrement hors du cadre conceptuel fourni par le couple théorie/pratique, et remplacer ce couple par celui d'*expérience* et de *réflexion*. Le rapport de l'expérience et de la réflexion n'est pas celui de la pratique et de la théorie. La traduction est une expérience qui peut s'ouvrir et se (re)saisir dans la réflexion. Plus précisément: elle est originellement (et en tant qu'expérience) réflexion.^{vii}

Levando em considerações tais pressupostos, é possível compreender porque Berman, ao desenvolver os três momentos implícitos, *a priori*, no ato da tradução, diz não apresentar um modelo, mas um *trajet analytique possible*^{viii}. Segundo suas próprias palavras, tal tipo de análise foi ganhando forma à medida que ele foi praticando seus estudos da tradução com base em seus trabalhos como tradutor literário, o que evidencia claramente a dualidade teoria/prática. Por essa razão, seu método de análise resulta ser aplicável, uma vez que compreende não só a tradução, mas também o ato da tradução e a figura do tradutor. Os "momentos" abordados a seguir fazem parte dessa perspectiva, e oferecem novos horizontes ao entendimento da tradução enquanto tradução ela mesma.

Como dirá Berman, todo tradutor mantém uma relação particular com a sua própria atividade^{ix}, possuindo uma certa "concepção" ou "percepção" do que significa para ele o ato de traduzir. Concebe ao mesmo tempo que percebe seu sentido e seus intuitos, assim como seus modos e formas como tal. Não obstante, seu discurso está fortemente marcado por elementos sejam eles históricos ou sociais, sejam literários ou ideológicos, sobre a tradução ou sobre a escrita literária propriamente dita. Esta percepção do que seria o sentido e a prática do traduzir é por Berman definida como a posição tradutiva, que abrirá o caminho para os "momentos" subseqüentes.

Em síntese, a *posição tradutiva* diz respeito à relação existente entre a tomada de consciência do tradutor quanto ao ímpeto de traduzir, que lhe é inerente, sua prática tradutiva, que o guia em seu fazer, e a maneira como ele internalizou o discurso ambiente acerca do traduzir, que

são as normas. Para Berman, "la position traductive, en tant que compromis, est le résultat d'une *élaboration*: elle est le *se-poser du traducteur vis-à-vis de la traduction*, se-poser qui, une fois choisi (car il s'agit bien d'un choix)"^x.

À continuação, diz que não há tradutor sem posição tradutiva, embora haja tantas posições tradutivas quanto tradutores. E que mesmo se constituindo nessa pluralidade, não resulta fácil enunciá-la e não há o porque fazê-lo. Dessa forma, é na elaboração de sua posição tradutiva que o tradutor se constitui como sujeito do traduzir, quando sua subjetividade se expressa mais claramente e quando ele consegue manter uma distância dos três perigos que o ameaçam continuamente, e que Berman os define como o amorfismo camaleônico, a liberdade caprichosa e a tentação ao apagamento^{xi}.

Tais posições podem ser reconstituídas a partir de suas traduções, que o dizem de modo implícito, uma vez ser a posição tradutiva que se depreende do texto traduzido o aspecto mais relevante acerca do tradutor; a partir dos diversos comentários e declarações que ela possa ter dado acerca de sua prática tradutória; ou a partir de outros temas pertinentes como a sua relação com as línguas estrangeiras e materna, além de sua relação com a escrita. Cumpre notar que antes mesmo de iniciar uma tradução, o tradutor pode definir *a priori* sua posição tradutiva, como por exemplo, optando pela tradução de um estilo específico de poesia ou mesmo pela tradução da obra de um só autor.

Nesse sentido, portanto, quando se consegue captar no tradutor, de modo concomitante, sua posição tradutiva, sua posição em relação à língua materna (*la position langagière*) e sua posição em relação à escrita (*la position scripturaire*)^{xii}, uma teoria do "sujeito traduzinte", segundo Berman, torna-se possível.

Determinado pelas exigências particulares colocadas pela obra a ser traduzida e pela posição tradutiva, e dificilmente separado desta, o *projeto de tradução*, que ocupa o segundo "momento" da análise bermaniana, define a maneira pela qual o tradutor literário vai efetuar a tradução e, por outro, como ele irá assumir essa tradução, seja na escolha de um "modo" de tradução, seja na escolha de uma "maneira de traduzir". Para o teórico, "toute traduction conséquente est portée par un projet, ou visée articulée"^{xiii}. Isto equivale a dizer que toda tradução comporta, inicialmente, um conhecimento antecipado da obra a ser traduzida, de modo que o tradutor, na perspectiva de seu projeto, pode determinar, a partir de elementos prévios, o grau de autonomia e heteronomia desta que dará a sua tradução, a partir de uma análise preliminar do texto a traduzir^{xiv}.

Toda tradução deve ser lida levando em consideração seu projeto, diz Berman, pois a verdade de um projeto específico de tradução só é acessível a partir da própria tradução e do tipo de

translação literária empregada para a sua realização. "Car tout ce qu'un traducteur peut dire et écrire à propos de son projet n'a réalité que dans la traduction", visto que a tradução é apenas a concretização do projeto, e assim "elle va où la mène le projet, et jusqu'où la mène le projet"^{xv}. Nesse sentido, diz a verdade do projeto ao revelar como foi realizado desde um primeiro momento, expõe todo o processo e as conseqüências deste ocasionadas em relação ao original.

Logo, as formas que um projeto específico de tradução pode tomar são múltiplas, isto quando evidenciado pelos tradutores, embora não haja a necessidade de enunciá-lo discursivamente, pontua Berman. Exemplos para a realização de projetos não faltam, como por exemplo: pode-se escolher traduzir vários livros de um só autor integralmente ou em parte, como nas antologias; pode-se propor uma edição monolíngüe ou mesmo bilíngüe, mais útil no caso de poesia; pode-se apresentar uma edição sem paratextos ou com paratextos (prefácio, introdução, notas sobre a tradução, etc.); pode-se optar pelo respeito ao original ao tratar-se de um projeto não-etnocêntrico que visa transmitir o estrangeiro; pode-se optar pelo gosto pela recriação literária e se valer de uma infinidade de teorias para a realização de uma tradução; pode-se fazer o estudo da tradução, durante e após tal trabalho, para revelar o modo e o processo de tradução empregado; enfim, pode-se propor, *stricto sensu*, um *projeto* de tradução.

Ainda segundo Berman, se a tradução, em vista de seu projeto, apresentar resultados "duvidosos", tais resultados são apenas resultantes do projeto, e se a tradução "falha" em algum momento, a falta é unicamente imputável ao projeto ou a algum aspecto deste, não a tradução enquanto tradução, isto é, o texto traduzido.

Posição tradutiva e projeto de tradução, por sua vez, devem ser tomados dentro de um certo horizonte, ou seja, o *horizonte do tradutor*. É possível definir esse horizonte como "l'ensemble des paramètres langagiers, littéraires, culturels et historiques qui 'déterminent' le sentir, l'agir et le penser d'un traducteur"^{xvi}. Vale ressaltar que o destaque que Berman dá ao verbo "determinar" não se trata de simples determinações no sentido de criar condições e normas, já que estes são comumente pensados de maneira causal ou estrutural, e que, segundo o próprio autor, não é o caso em questão.

Não obstante, essa noção de horizonte tem uma dupla natureza, pois, de um lado, designa "l'agir du traducteur [...], elle pointe l'espace ouvert de cet agir", apontando para um horizonte sem fim, infinito, ao mesmo tempo em que, do outro, "enferme le traducteur dans un cercle de possibilités limitées"^{xvii}, apontando para um horizonte limitado. Ambos, no entanto, constituem o objetivo do tradutor, isto é, seus horizontes de tradução.

Berman, com o conceito de horizonte, retoma a expressão empregada pela hermenêutica moderna (nesse caso, aquela elaborada de maneira mais epistemológica por Paul Ricoeur) e pela hermenêutica literária (sobretudo a de Hans Jauss), e procura fundir, na mesma medida, os eixos fundamentais que determinam tanto a hermenêutica quanto a tradutologia, por ambas refletirem simultaneamente acerca da Poética, da Ética e da História. Em outras palavras, o desenvolvimento autônomo dos estudos na área de tradução encontra, em seu percurso, a hermenêutica, à diferença que as reflexões levantadas por esta não tocaram ainda as perguntas concernentes àquela. Dirá Berman que

Ici, il est question [...] d'*horizon*, d'*expérience*, de *monde*, d'*action*, de *dé-* et de *recontextualisation*, tous concepts fondamentaux de l'herméneutique moderne étroitement corrélés et qui ont en outre, au moins pour les quatre premiers, la même dualité: ce sont des concepts à la fois "objectifs" et "subjectifs", "positifs" et "négatifs", qui pointent tous une finitude et une in-finitude. Ce ne sont, certes, pas des concepts "fonctionnels", en ce sens qu'ils se prêtent moins à la construction de modèles ou d'analyses formels, mais ils permettent, à mon avis, de mieux saisir la dimension traductive dans sa vie immanente et ses diverses dialectiques. ^{xviii}

Dessa forma, é possível *visualizar* como todos esses conceitos, emprestados à hermenêutica moderna, podem formar o *horizonte* do tradutor, que é um horizonte plural, sobretudo quando entendido dentro da dimensão tradutiva. Essa dimensão, por sua vez, é a que legitima àquele outro conceito bermaniano, citado ao começo do texto, de que a tradução é portadora de um saber próprio. Por conseguinte, um projeto de tradução, entendido também nesse *horizonte*, se configura, enquanto resultado desse saber, como uma necessidade interna própria da tradução. Nesse ponto, se encerra o percurso esboçado por Berman, articulado nos três "momentos" aqui abordados. A partir daí, parte-se para a análise da tradução (confrontação, avaliação e recepção) propriamente dita.

Em suma, o que esses "momentos" procuram evidenciar, além da posição tradutiva, do projeto de tradução e do horizonte do tradutor, é que nenhuma tradução é e deva ser feita de modo imprudente, *inocentemente*, pois resulta de todo um processo de reflexão, e que essa reflexão lhe é inerente. Nessa perspectiva é que o ato de traduzir poderá ver-se reconhecido por ele mesmo.

NOTAS

ⁱ BERMAN, A. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002, p. 11-25.

ii Embora, cumpre notar, sempre se pensou sobre sua prática, não de maneira tão sistemática como atualmente, mas se *pensou*.

iii BERMAN, A. *A prova do estrangeiro...*, p. 11-25.

iv BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995, p. 68.

v Id.

vi Ibid., p. 68-69.

vii BERMAN, A. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999, p. 15-16.

viii BERMAN, A. *Pour une critique des traductions...*, p. 64.

ix Ibid., p. 74.

x Ibid., p. 75.

xi Id.

xii Id.

xiii Ibid., p. 76.

xiv Id.

xv Ibid., p. 77.

xvi Ibid., p. 79.

xvii Ibid., p. 80-81.

xviii Ibid., p. 81.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Florianópolis/Rio de Janeiro: NUPLITT/7 Letras, 2007.

_____. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
